

Há razões para otimismo

Raymundo Pinto

Conheci um colega magistrado que, ao discutir-se problemas do nosso país, costumava afirmar: “O Brasil progride porque os políticos dormem”. Todos nós que o escutavam compreendíamos que ele, na verdade, usando uma forma satírica, queria dizer que os políticos atrapalham mais do que constroem e, por isso, o país progride bem melhor quando os dirigentes guarnecem o sono. Toda frase de efeito permite interpretações diversas, além de críticas. Não faltarão democratas sinceros que vão discordar da afirmativa, sustentando que, mesmo havendo maus políticos, muitos deles (uma minoria, talvez) agem com idealismo e oferecem contribuições valiosas para o desenvolvimento da nação. Trata-se de um assunto que sempre provoca discussões intermináveis. Tentando encontrar uma posição equidistante – longe, pois, de radicalismos – diríamos que, ao ocuparem cargos de destaque nos planos federal, estadual e municipal, as decisões dos políticos interferem, sem dúvida, no dia a dia dos acontecimentos, do lado positivo ou do lado negativo. Entretanto, é preciso destacar, com ênfase, que milhares ou milhões de pessoas, neste imenso território nacional, estão agora trabalhando e agindo – honestamente, saliente-se – para acelerar o progresso de nosso país, sem depender das atitudes dos políticos.

Nos primeiros dias de 2018, publicamos aqui na Tribuna um artigo intitulado “Mesmo na crise, o agronegócio é orgulho e otimismo”. Citamos vários dados estatísticos bastante positivos no propósito de demonstrar que a economia brasileira, no setor agrário, nos fornecia convincentes argumentos de que, apesar de existir uma crise evidente – mais acentuada nos meios urbanos –, era possível manter o otimismo em relação ao Brasil. Um ano depois, a situação sofreu radical transformação. Realizaram eleições gerais para escolher ocupantes de cargos executivos e legislativos nas áreas federal e estadual. Poucas vezes na história da nação presenciou-se tanta discordância apaixonada e até fanática entre as candidaturas. As pessoas consideradas centristas, democráticas e distantes de radicalismos (como este articulista) se viram muito constrangidas para tomar posição. O ódio, infelizmente, invadiu a disputa, tendo, inclusive, afastado amigos e dividido famílias.

Vale, neste ponto, indagar: em meio a uma situação política tão radicalizada e ante as dúvidas sobre o futuro dos novos governos (da União e dos Estados), há espaço para otimismo? Repondo de modo positivo. Quando escrevemos o anterior artigo, no ano passado, utilizamos dados oficiais mencionados em reportagem de um jornal de Brasília e num trabalho publicado aqui na Tribuna, em 26/12/17, pelo ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues. Este ilustre cidadão é hoje coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, tendo voltado a se ocupar dos assuntos ligados ao campo em longo artigo que se encontra nas páginas 54/55 da revista Veja de 2 de janeiro p.p.

Em face do pouco espaço de que dispomos, não é possível transcrever todos os percentuais altamente positivos citados pelo ex-ministro, comprovando que, a partir de 1990, houve um acelerado progresso na economia rural do país. Enquanto a produção cresceu, segundo dados mais recentes, 307%, a área plantada de grãos aumentou apenas 65%. A produção de carne de frango elevou-se a 475%, a de suíno – 250% e a bovina, que tem ciclo mais longo, 92%. Somando a área plantada (9%) e as áreas de pastagens e outros cultivos (21,2%), chega-se à conclusão que somente menos de um terço (exatos 30,2%) de nosso território é ocupado por atividades agropastoris. Não têm razão fazendeiros desonestos e gananciosos que querem avançar destruindo florestas e invadindo terras indígenas. A tecnologia hoje existente é capaz de proporcionar a elevação da produtividade utilizando uma mesma área. Acrescente-se que, quando o campo progride, gera encomendas de máquinas, implementos, defensivos, etc. às indústrias situadas na zona urbana, além de outras repercussões, inclusive no setor de mão de obra, expandindo sua influência na economia em geral. Não esquecer que grande parte da produção agrícola se dirige para o exterior e o Brasil, com isso, ganha enormes divisas, fundamentais para seu desenvolvimento.

Alinhamos alguns números, na forma de percentuais, com o fim demonstrar que uma imensa quantidade de brasileiros – de modo silencioso – se dedica a trabalhar pelo progresso da nação. Com certeza, a maioria deles não se abate com as crises e trapalhadas promovidas pelos políticos. Seria bem melhor que os poderes públicos os ajudasse, incentivando o estudo e implantação de novas tecnologias, além de promover financiamentos a juros não escorchantes. Se os políticos fracassarem, vamos manter nosso otimismo de que o país vai crescer, apesar de tudo. Afinal, enquanto eles dormem, muitos

comerciantes, industriais, prestadores de serviço e, especialmente, agricultores nunca vão parar de produzir...

Raymundo Pinto, desembargador aposentado do TRT, é escritor, membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia e da Academia Feirense de Letras.

Publicado na Tribuna da Bahia de 9/1º/19.